

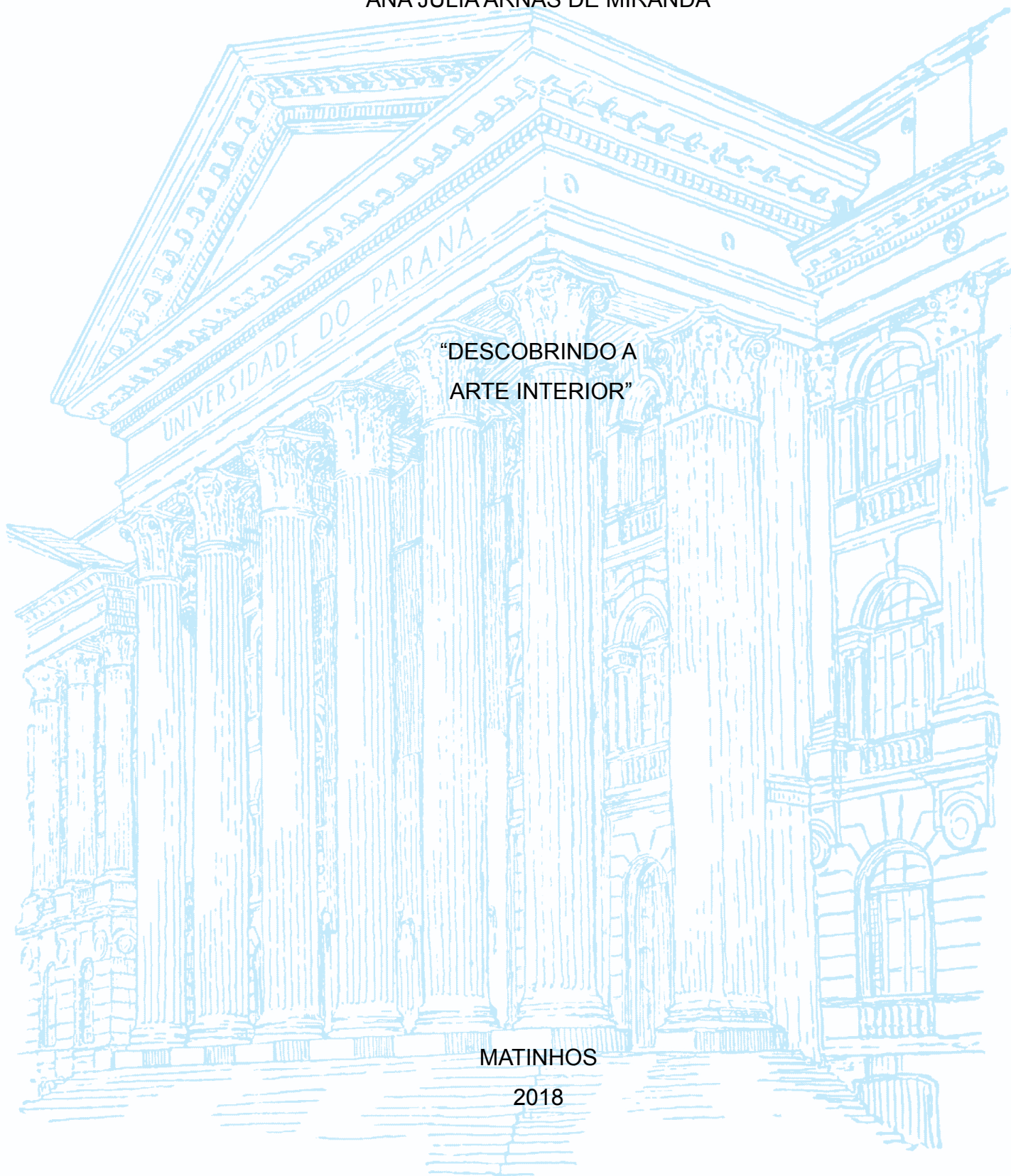
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA JULIA ARNAS DE MIRANDA

“DESCOBRINDO A
ARTE INTERIOR”

MATINHOS

2018



ANA JULIA ARNAS DE MIRANDA

“DESCOBRINDO A ARTE INTERIOR”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Artes pela Universidade Federal do
Paraná, Setor Litoral.

Orientadora Profa. Dra. Ana Elisa de Castro
Freitas

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA JULIA ARNAS DE MIRANDA

“DESCOBRINDO A ARTE INTERIOR”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

Orientadora – Câmara de Curso de Licenciatura em Artes, UFPR

Profa. Helenice Assis Vespasiano

Departamento de Terapia Ocupacional, UFPR

Profa. Dra. Luciana Ferreira

Camãra de Curso de Licenciatura em Artes, UFPR

Matinhos, 28 de novembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Artes que contribuíram durante meus quatro de graduação, em especial pela orientação da Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas. Às amigas e colegas, Rafaela Trevisan de Oliveira e Nívea Santiago David pelo incentivo e apoio constante desde o princípio. À Escola de Educação Especial Bem me Quer e seu cativante aluno Marcos Pereira, enfim, a todos que tornaram este Trabalho de conclusão possível.

Lista de Figuras		
FIGURA 1	Marcos Pereira, aulas de estágio em Artes Visuais.	9
FIGURA 2	Foto da turma de formandos, 1926	12
FIGURA 3	Emygdio de Barros e Fernando Diniz	14
FIGURA 4	Olhar pelas janelas da escola	18
FIGURA 5	Desenho realizado por Marcos Pereira	19
FIGURA 6	Banheiro de sua casa	20
FIGURA 7	Retrato imaginário do meu filho Yan	21
FIGURA 8	Desenho feito por Marcos Pereira	22
FIGURA 9	Desenho feito por Marcos Pereira	24
FIGURA 10	Desenho feito por Marcos Pereira	25
FIGURA 11	Desenho feito por Marcos Pereira	26
FIGURA 12	Desenho feito por Marcos Pereira	27
FIGURA 13	Escultura feita de argila	28

Sumário		
1	Introdução	7
2	Desenvolvimento	7
3	Iniciando as aulas de Arte	10
4	Revisando o campo pelas lentes de Nise da Silveira	11
5	Arteterapia	15
6	Frutos do processo	16
7	Interpretações das obras	18
8	Conclusão Final	29
9	Referências	30

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata de um mergulho no curioso mundo artístico, solitário e pessoal de um indivíduo portador do Transtorno do Espectro Autista. Estende-se a uma forma terapêutica e cuidadosa que busca aflorar e expandir esse potencial, através de encontros artísticos com o mesmo, buscando seu bem estar, caminho esse que se expande a partir do reconhecimento de seu belo trabalho, o qual pretendo promover e legitimar.

Ao longo da pesquisa conciliamos o rico e resistente trabalho desenvolvido pela psiquiatra e terapeuta e também antiga presa política Dra. Nise Magalhães da Silveira, dialogando entre o campo da Arte e saúde mental, abrangendo também os estudos de Carl Gustav Jung.

2 DESENVOLVIMENTO

O foco inspirador da pesquisa surge no decorrer de minha trajetória acadêmica dentro da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral no curso de Licenciatura em Artes, especificamente dentro de temáticas que nortearam os estágios obrigatórios, na área das Artes Visuais.

A partir do interesse que tive na área de Educação Especial, começo meu estagio na Escola de Educação Especial Bem Me Quer - APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), situada na cidade de Matinhos, Avenida República do Paraguay, número 58, no bairro Bom Retiro, em funcionamento desde 1991.

De acordo com o documento que rege o Projeto Político Pedagógico da instituição “a escola é uma organização social com foco de atuação na proteção de serviços e na defesa de direitos das pessoas com deficiência”. Sendo assim, um dos grandes focos da escola é identificar os atrasos e alterações no desenvolvimento global dos mesmos, valorizando suas potencialidades e lhes oferecendo todos os meios para desenvolvê-las ao máximo através de um trabalho pedagógico diferenciado.

Iniciei o estágio na turma de EJA I (Educação de Jovens e Adultos) executado no 5º período do curso de Licenciatura em Artes no 3º ano do curso, havia alunos com Síndrome de Down, alunos com paralisia cerebral, autistas e deficientes intelectuais.

Dentre os alunos autistas, um me chamou atenção devido ao seu bom desempenho ao desenhar. Como estagiária e interessada busquei ter acesso à pasta de registros do aluno onde pude constatar que o mesmo, chama-se Marcos Pereira, natural de Foz de Iguaçu, nascido em 07/07/1980, atualmente com 38 anos, estudante da escola em questão desde 2011.

Marcos foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que inclui desordens conjuntas no desenvolvimento cerebral, adquirido devido a complicações na gravidez de sua mãe-Marcos passou do tempo de ser gestado, faltando então oxigênio em seu cérebro. Os primeiros sinais de deficit começaram ainda quando era bebê, começou a andar depois de um ano e meio, e suas primeiras palavras com significância vieram só depois dos três anos de idade. Outros empecilhos surgiram ao longo de sua vida, como por exemplo, o aparecimento de tumores, levando o mesmo a realizar várias cirurgias. Sua alfabetização se deu aos 16 anos, na APAE de sua cidade natal.

O grau de autismo do aluno não impossibilita seu bom desempenho dentro da sala de aula e no entendimento de todas as matérias, nas relações sociais com outros alunos, funcionários e professores. Nosso primeiro contato se deu pelas aulas de observação, sendo elas, duas aulas por semana, ao todo 3 horas semanais. Primeiramente seu jeito bem singular causa certo impacto, pelo fato dele falar muito sozinho, levantar várias vezes de seu lugar e sair caminhando pela sala. Em diálogos posteriores com sua professora, a mesma esclarece que suas falas “sem sentido”, são frutos de suas vivências do dia a dia ou até lembranças mais antigas, mas que tudo faz sentido de acordo com o tempo com que as informações dadas a Marcos são processadas ou resgatadas.

Depois das observações vieram as aulas práticas onde conseguimos estabelecer um grau de confiança e afinidade um pouco maior. Marcos adora folhear revistas e tirar moldes de imagens para inspirações em seus desenhos. Os materiais utilizados nessas aulas foram tinta guache, folhas A4 e massa de modelar, outra atividade que o aluno mostrou muita conexão, porém afirmando que quase nunca utilizava a massa. Lembro-me dele ter feito várias esculturas tridimensionais representando bebês, todos com muitos detalhes, e bem delicados, elaborou também muitos utensílios domésticos e aparelhos eletrônicos, todos muito realistas.

Imagem 1: Marcos Pereira, aulas de estágio em Artes Visuais.



Fonte: A autora.

3 INICIANDO AS AULAS DE ARTE

Neste tópico trago trechos de meu diário de classe, onde registrei as etapas do processo das aulas, as técnicas e observações gerais.

1º Encontro 16/03/2018

Ele parece feliz e despreocupado, fazendo o sinal de “beleza” para todos da sala, porém não dá muita abertura para conversação. Estão produzindo lembrancinhas para a Páscoa, realiza a atividade sempre cantando música de seus ídolos sertanejos, seus preferidos são Alan e Aladin.

Peço para olhar seu caderno de desenho, ele me entrega meio desconfiado. Nele existem muitos esboços de desenhos inacabados, mas que dizem muito sobre ele e sobre seu estado emocional, muitas vezes controlado devido ao remédio forte que toma. Existem muitos desenhos de casas, cômodos, do hospital Nossa Senhora dos Navegantes, rádios, pessoas na chuva, muitas crianças, entre outras coisas.

2º Encontro 23/03/2018

Chego à sala e todos estão ensaiando a música “Aquarela”, cada um com um instrumento musical. Marcos no caso deixou o instrumento de lado e segue com as mãos balançando no ar. Estão na produção de lembranças para a Páscoa e Dia das Mães, então preferi não interferir nessa produção coletiva e deixar esses primeiros encontros para nossa familiarização.

Segundo sua professora Marcos possui muita memória visual, o que facilita a execução de seus desenhos.

Como sua família não tem uma boa condição financeira e o material que ele possui é muito básico e desgastado, sinto-me no dever de lhe oferecer o material que usaremos: um caderno de desenho novo, um bloco de folhas Canson e lápis próprios para desenho.

Outros encontros 04/05/2018, 11/05/2018, 18/05/2018

Nestes encontros já conseguimos seguir com o planejamento previsto. Como a escola não possui um espaço adequado para a realização da atividade, tivemos que começá-la no pátio da escola após o intervalo. O fato de Marcos ter apenas uma aula de artes na semana dificulta a execução da atividade. Outro ponto negativo nesse meio tempo que ocorreram nossos encontros foram as datas comemorativas, páscoa e dias das mães, data que a escola faz apresentações e

como o espaço é pequeno, tiveram que desocupar o ambiente que utilizamos com as mesas para acomodar os pais e alunos. Partimos então para a sala dos professores, onde obviamente professores estão em suas hora-atividades. Ruídos vindos da rua interferem, deixando Marcos muitas vezes irritado por não saber de onde vem o barulho. Eu e sua professora, que nos acompanha em toda sessão, tentamos a todo o momento focar sua atenção para a atividade em si, sempre respeitando o espaço do indivíduo e seu tempo.

Focando nas vantagens volto a citar o bom desempenho de Marcos, sua interação com o externo apesar de ser pequena é suficiente para que consigamos nos comunicar.

Antes mesmo de pegar o papel e lápis ele já me pede para tocar sua *playlist*. Nela consta Alan e Aladin, João Mineiro e Marciano, Gian e Giovane e Daniel. Conta-nos rapidamente o que estava fazendo em aula e logo parte para sua arte. Até agora realizou desenhos de sua casa, do mercado do peixe, da escola e alguns rostos que eu comecei desenhando e ele finalizou. Sua referência nos desenhos se mantém em estruturas de cimento como casas, prédios e interiores. Acho válido até o fim de nossos encontros o desafio de opinar em paisagens diferentes como a praia, os morros que cercam o fundo da escola, retratos e autorretratos.

4 REVISANDO O CAMPO PELAS LENTES DE NISE DA SILVEIRA

"Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas." (NISE DA SILVEIRA)

No contexto da psiquiatria brasileira e internacional a Doutora Nise Magalhães da Silveira se destaca com a sua "psiquiatria rebelde" (Mello, 2009). Para Sônia Maria Carvalho e Pedro Henrique Amparo (2006, p. 126), não há dúvidas quanto a sua importância nesse campo de pesquisa.

Nise da Silveira nasce no dia 15 de fevereiro de 1905, em Maceió, ao completar 16 anos vai para Bahia estudar medicina. Foi a única mulher em sua sala entre 157 alunos homens. Conclui seu curso aos 21 anos, defendendo sua tese:

"Ensaio sobre a criminalidade das mulheres na Bahia", abordando casos de assassinas, ladras e prostitutas de Salvador.

Figura 2: Foto da turma de formandos 1926, Nise era a única mulher em sua sala. Universidade de Medicina da Bahia



Fonte: Autor desconhecido/ Arquivo Nise da Silveira.

No ano de 1933, inicia seus trabalhos no antigo Hospício da Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Já naquela época possuía consciência sobre o papel da liberdade, era ativista em defesas dos direitos humanos e sociais, pertencia a União Feminista do Brasil, organização que defendia o direito das mulheres.

Antes mesmo de enfrentar um hospital onde prevalecia a dominância e o poder da figura masculina, Nise já enfrentava questões sociais que envolviam o patriarcado, problemas sociais e políticos.

Nise volta a atividade em 1944, atuando no posto psiquiátrico Engenho de Dentro, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II e atual Instituto Municipal Nise da Silveira encarando de perto os tratamentos agressivos e desumanos a que os pacientes eram submetidos. Entre os violentos métodos de tratamento utilizados nos pacientes está a Lobotomia, o Coma Insulínico e o Eletrochoque e foi partindo dessa revolta perante as psicocirurgias que Nise toma a frente e assume no ano de 1946 a direção

da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação do Centro Psiquiátrico Pedro II espaço no qual o objetivo era o tratamento e a reabilitação.

Acompanhada de fundamentações teóricas e científicas na psiquiatria e da psicologia freudiana e junguiana em harmonia com sua fundamentação própria, buscava comprovar a validade desta forma de tratamento alternativo, demonstrar o alto grau de nocividade da psiquiatria tradicional; buscava o bem estar e saúde física e emocional de seus pacientes, enfatizando a capacidade criativa e expressiva dos pacientes através de atividades como a cerâmica, encadernamento, marcenaria, costura, música, dança, teatro, pintura, salão de beleza, sapataria, entre outros. Ela fazia desses momentos terapêuticos um espaço onde os tormentos pudessem se externalizar de uma forma sadia com o auxílio e amparo da Arte. E só no ano de 1946 em conjunto com Almir Mavignier, que eles definitivamente inauguram o ateliê de pintura e modelagem.

Figura 3: Emygdio de Barros e Fernando DiniZ



Fonte: *Fonte: Arquivo Atelier Lou Borghetti.*

Em decorrência dos resultados dos primeiros trabalhos realizados no ateliê de pintura, ela percebe uma caracterização semelhante nas dos esquizofrênicos, a realização de círculos, com desenhos em forma de centro. Partindo destas realizações ela estabelece contato através de cartas com Carl Gustav Jung (1875-1961), um dos maiores psiquiatras do século passado e estudioso na questão das manifestações do inconsciente, segundo ele as mandalas ajudam a trabalhar a psique e a realização destas formas tendem a acontecer quando as pessoas progridem no seu processo de autoconhecimento, no processo autocurativo e individuação.

“Outra grande intuição da psiquiatra alagoana foi quanto ao papel positivo do ambiente acolhedor, não repressor, livre no lidar com esquizofrênicos. Faziam parte desse ambiente, pessoas, animais e objetos, tudo e todos que enfim fossem catalisadores de afeto” (Carvalho, Amparo. 2006 p. 129).

"O mal está de tal modo solto, que não pode ser combatido com violência, mas sim com música e poesia." (NISE DA SILVEIRA)

Com o avanço da Terapêutica Ocupacional, Nise cria no dia 20 de maio de 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, com mais de 350 mil obras artísticas.

Graças às contribuições de Nise o campo da psiquiatria brasileira e até internacional nunca mais foi à mesmo, transformando totalmente a visão perante as pessoas com transtornos e deficiência mental.

5 ARTETERAPIA

No presente momento, a educação se encontra no anseio de realizar novas propostas para satisfazer o desejo de conhecimento e auto realização da população, e é a partir disso que ela deve se conduzir em busca de novas ferramentas e outros métodos que atinjam a sociedade com sucesso. Uma dessas possibilidades é a introdução da terapia através da Arte no cotidiano educacional: uma ferramenta híbrida que utiliza diversas expressões artísticas buscando a cura, tanto na saúde mental quanto física, não se limitando à clínicas e ou hospitais.

A arteterapia age através da estimulação da expressão artística, do desenvolvimento da criatividade, favorecendo a expressão dos sentimentos e a reorganização interna do indivíduo. (Vieira, 2017 apud Goldschmidt, 2004)

A arteterapia na educação visa desenvolver a educação emocional e a personalidade criativa. (Santos, 2003, p. 32)

A prática da arteterapia especialmente na Educação Especial desperta dentro de cada indivíduo a possibilidade de descobertas a partir de expressões movidas pelos sentimentos, dando força para que esse sentir, querer e pensar seja entendido e contextualizado pelo mundo que os cercam, seja livremente por meio da dança, música, desenhos, pinturas, poesias, práticas teatrais, expressões corporais entre muitas outras opções.

Nesse contexto, Marques (2017, p.13) declara:

Essa forma de tratamento tem crescido efetivamente nos últimos anos do início do século XXI e tem sido inserida em diversas instituições como nos hospitais, consultórios de psicologia e psiquiatria, orfanatos, asilos, hospitais psiquiátricos e clínicas de recuperação de dependentes, atuando como recurso terapêutico. Atrela-se ao resgate da humanização na saúde determinados por distintas políticas públicas. Apontam para novas diretrizes que compreendem os pacientes como ativos e protagonistas da própria construção de sua saúde física e psíquica. Isso está previsto, por

exemplo, nas novas diretrizes estabelecidas pela Lei 10216 do SUS, que discorre sobre os direitos das pessoas com sofrimento mental e sobre o tipo de assistência prestadas a elas.

Estudar a si mesmo é uma arte muito particular e desafiadora, um estudo que vem muitas vezes acompanhado de medos, valores, complexos, inseguranças e libertações, tópicos que a arteterapia encara e trabalha de frente, partindo de terapias, processos e reflexões que buscam aceitações e conhecimentos internos focando um aperfeiçoamento com a realidade externa.

6 FRUTOS DO PROCESSO

Kathryn Ellis aponta em sua obra informativa “Autismo”, que os primeiros diagnósticos sobre o autismo surge em 1943, quando um psiquiatra infantil dos Estados Unidos, Leo Kanner, descreveu onze crianças com padrões peculiares de comportamento. Segundo ele, os principais e peculiares comportamentos eram: uma profunda falta de contato emocional com as outras pessoas, ausência de fala, fascinação por objetos e destreza no manuseio deles, um ansioso e obsessivo desejo de rotinas, evidência de inteligência com aparência visual e feitos de memória, habilidades com tarefas de encaixes e montagens. Basicamente o autismo é o conjunto de um espectro de perturbações relacionadas.

Dentre as causas diagnosticadas do autismo, existe uma grande variedade de situações que desencadeiam esse espectro. Dentre elas se encontram as causas biológicas: rubéola congênita, fenilcetonúria não tratada (doença relacionada ao fígado), esclerose tuberosa, anóxia no parto, encefalite virótica e outros traumas cerebrais. Existem estudos que apontam traços genéticos como causa.

Inicialmente deve ser reconhecido que o autismo cobre uma ampla faixa de habilidades e deficiências (Ellis, 1996. p. 89). Harmonizando esta declaração com meu trabalho, levo em consideração a maior habilidade de meu interlocutor, o desenho.

Quando iniciei as atividades com Marcos, busquei observá-lo como indivíduo e identificar alguns aspectos que facilitassem sua desenvoltura perante nossa relação. Levei em considerações algumas questões que nortearam a metodologia de nossos encontros, entre elas:

- Áreas pelas quais ele demonstrava interesse;
- Suas habilidades;
- Nível de interação;
- Autista x Artista;

Suas obras transmitem vivências do seu cotidiano. Em seus desenhos constam pessoas, animais de estimação, lugares onde ele costuma ir, como sua escola, casas e interiores.

Elas também têm uma grande parcela de expressão, é inevitável não nos sentirmos tocados, elas nos transmitem a solidão, ousa citar até um ar fantasmagórico.

Suas faces quase nunca têm expressões, mas nem por isso não passam sentimentos. O sorriso muitas vezes está presente em animais, fato irônico ou não relacionado com o estudo de Nise da Silveira, com os avanços devido ao apego de seus pacientes com os animais durante as terapias. Os sorrisos aparecem também nos desenhos de bebês, figura que Marcos gosta muito de representar, seja em desenhos ou esculturas.

Presente não apenas em um de seus desenhos, está Denis e “Deividi”, um cadeirante, estudante também de APAE, porém do período da tarde. Essa relação estampada no papel pode talvez não passar de um desejo desse contato com o mesmo, primeiro pelo fato de estudarem em turnos diferentes, segundo pela dificuldade de relação que Marcos possui; Em seus desenhos eles estão sempre jogando bola ou brincando de carrinhos.

O ponto de maior destaque nos desenhos do mesmo é sua relação e sua facilidade com a profundidade, perspectivas e dimensões em geral.

7 INTERPRETAÇÃO DAS OBRAS

Figura 4: Olhar pelas janelas da escola.



Fonte: A autora.

Interpretando a imagem 4, observamos que o desenho nos mostra o cenário visto pelas janelas dos fundos da escola, exatamente da Rua República do Paraguay pelo olhar de Marcos, constando nele os morros, casas, carros, árvores, postes de energia e pessoas onde exatamente estavam posicionadas naquele momento. Exalto a percepção de Marcos nos pequenos detalhes do cenário, como as cercas em frente às casas, janelas e telhados. A figura exhibe uma típica manhã de calmaria Matinhense, pessoas paradas em frente a suas casas e outras andando de bicicleta, porém apesar dessas movimentações o que impera é a tranquilidade. O quadro é ocupado em totalidade com elementos em que os traços fogem da forma concreta, anunciando uma dimensão abstrata. O material de sua preferência é sempre o grafite, nesse caso um lápis 2B e Canson A3.

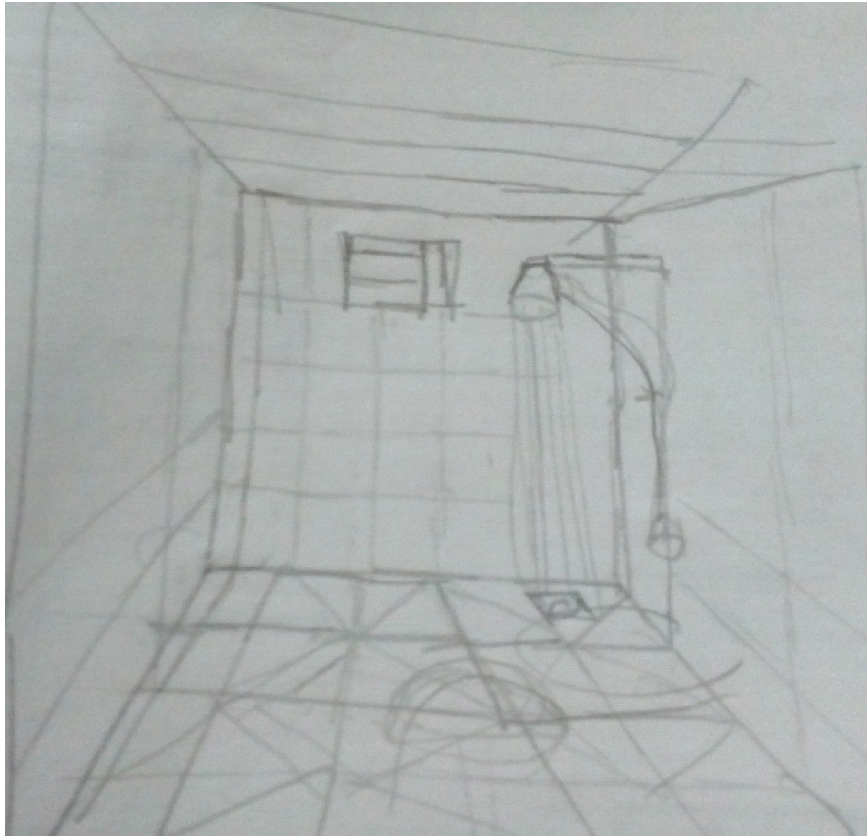
Figura 5: Desenho realizado por Marcos Pereira sem data registrada.



Fonte: A autora, 2018.

Retratando a obra acima não intitulada analisamos que quatro pessoas aparecem na imagem, no caso um homem, uma mulher, uma criança e um cachorro em um ambiente aberto e chuvoso. A obra nos passa melancolia. Existe uma conversação entre o casal e a figura da criança e do cachorro seguem paralelamente.

Figura 6: Banheiro de sua casa, desenho realizado dia 16/03/2018.



Fonte: A autora, 2018.

A figura 6 representa o banheiro de sua casa, especificamente a área do box. Fica nítido sua relação com a dimensionalidade(eixo direcional imaginário no espaço), interligando o teto com as paredes, os azulejos do chão com a água caindo do chuveiro e os traços num movimento circular dão a ideia da água indo em direção ao ralo. Fica mais evidente a linha de fuga do concreto ao abstrato, sem perder a dimensão objetiva do espaço do banheiro.

Figura 7: Retrato imaginário do meu filho Yan, realizado dia 16/03/2018.



Fonte: A autora, 2018.

A ideia da imagem 7 surge a partir de uma conversa onde digo a Marcos que tenho um filho, na época Yan iria fazer dois anos. Ainda não tínhamos começado os encontros de fato, ele foi feito durante as aulas de observação no intervalo das atividades que estava realizando com a turma. Não vendo fotos do Yan decidi fazer um desenho que o representasse, como disse anteriormente o sorriso em seus rostos aparecem geralmente em crianças e animais.

Figura 8: Desenho feito por Marcos Pereira, realizado dia 04/05/2018.

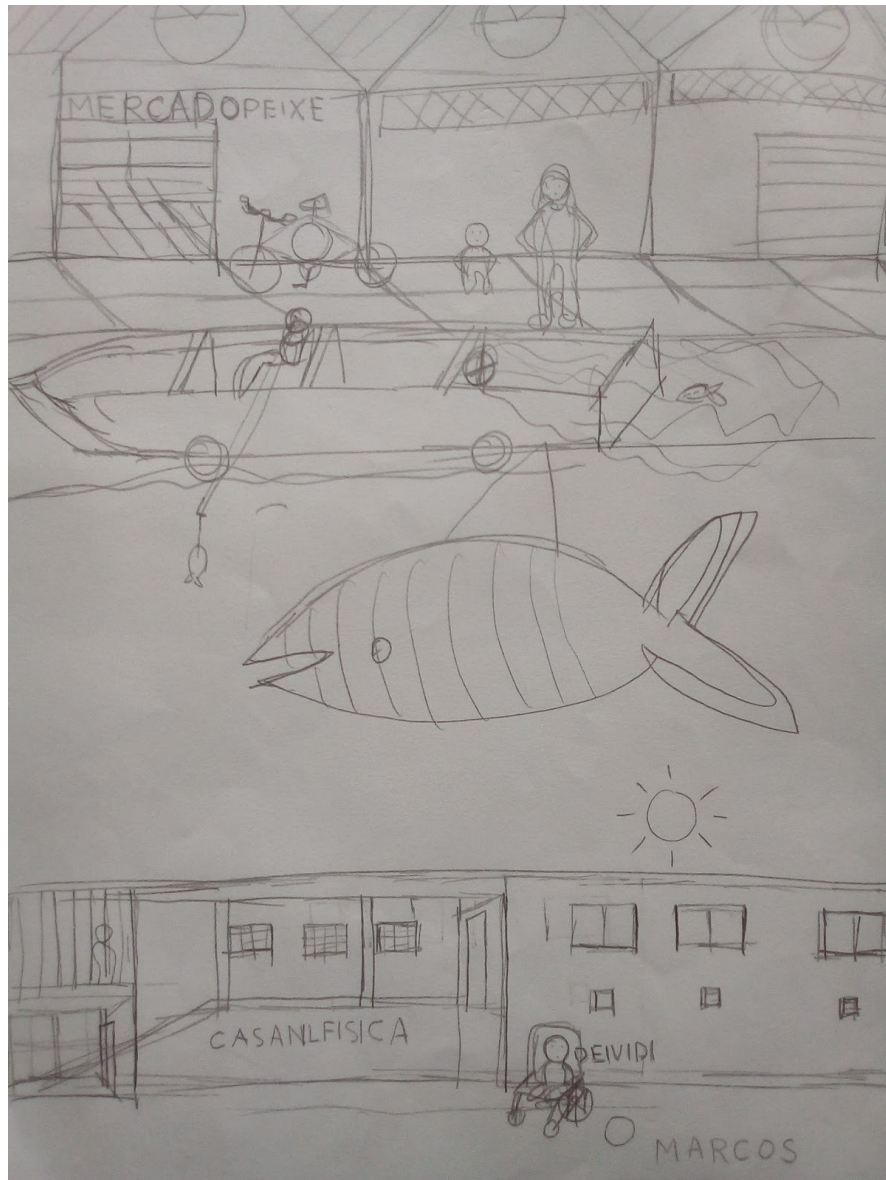


Fonte: A autora, 2018.

O desenho foi o primeiro a ser feito em nossos encontros, encontra-se dividido em três partes, na primeira parte Marcos desenha a fachada de sua casa, nele estão Dênis e Marcos brincando de carrinho e ao lado Jitória sua gata. No segundo desenho aparece o ônibus escolar da APAE que ele pega todos os dias para ir a escola, está descrito também a capa do álbum de Alan e Aladin, músicos preferidos de Marcos que ouvimos em todo encontro, acima dos dois existe um

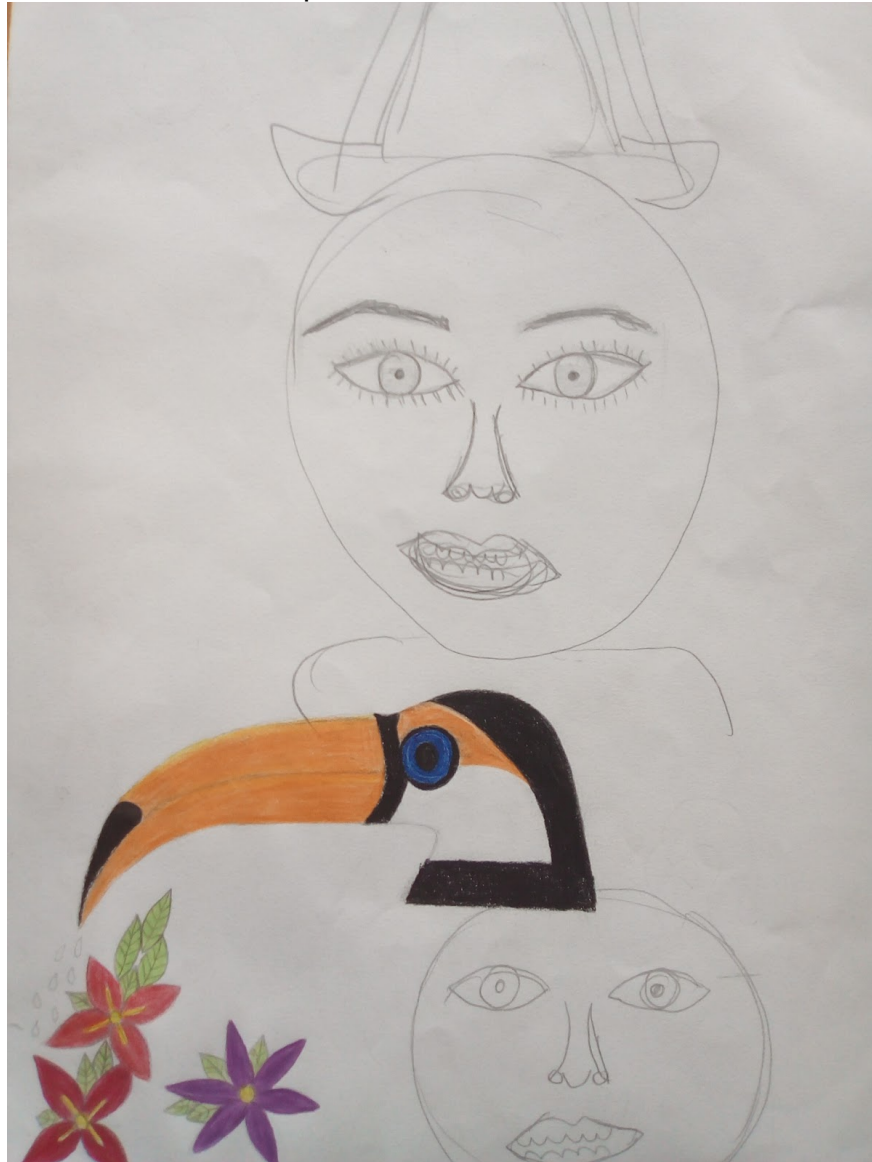
pendrive, onde Marcos pede que eu não esqueça de gravar o álbum de Alan e Aladin para trazer a ele. Por fim no último desenho ele descreve a fachada lateral da Escola Bem me Quer. O desenho é como uma narrativa de nosso encontro juntamente com vivências de seu dia a dia.

Figura 9: Desenho feito por Marcos Pereira, realizado dia 11/05/2018



Como citei anteriormente Marcos possui uma ótima memória visual o que facilita a execução dos desenhos, nesse caso a memória resgatada foi a do Mercado do Peixe de Matinhos, onde uma mãe e uma criança observam um pescador jogando sua rede e pescando um grande peixe, fazendo uma narrativa do cotidiano da cidade. Logo abaixo ele traz a figura de “Deividi”, colega da APAE, cadeirante. Deividi ocupa posição central nessa parte do desenho, deslocado ao ponto ouro inferior direito, ocupando o espaço da rua com sua bola, em contraposição a uma pessoa contida por grades no ponto ouro superior esquerdo. A cena, desta vez é em um dia ensolarado na aula de Educação Física.

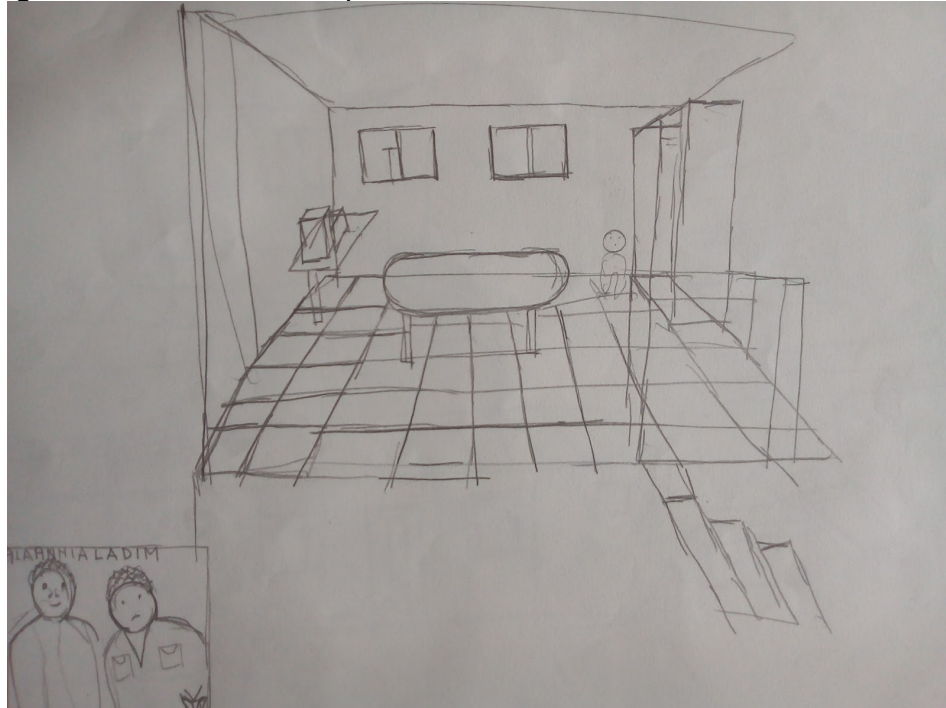
Figura 10: Desenho feito por Marcos Pereira, realizado dia 18/05/2018



Fonte: Autora, 2018.

Este desenho (figura 10) é o que mais me agrada, foi de certa forma uma intervenção em cima de um desenho feito por mim, nele aparecem duas faces, foco no olhar estático e profundo dos rostos. Marcos também representa através deste desenho a nossa observação sobre minha produção.

Figura 11: Desenho feito por Marcos Pereira, realizado dia 25/05/2018.



Fonte: A autora, 2018.

Neste dia (25/05/2018) estávamos presentes eu, sua professora Ana e Marcos na sala dos professores, a imagem (11) representa exatamente como a sala é, uma mesa central, duas janelas ao fundo, o computador no canto esquerdo e no canto direito um armário, abaixo disso tudo com muita profundidade ele faz a escada de acesso para a mesma sala. Um aparador, o armário no canto direito e o chão estão confusamente sobrepostos, porém não perdem sua objetividade. Lembro-me que neste dia a pessoa posicionada onde está representada uma pessoa no desenho era eu, sinto-me lisonjeada por ele ter me escolhido como referência, onde poderia ter optado por sua professora, onde o elo entre os dois é maior. Aparece novamente Alan e Aladin.

Figura 12: Desenho feito por Marcos Pereira, realizado dia 01/06/2018.



Fonte: A autora, 2018..

Este desenho foi um dos últimos a ser feito em nossos encontros, nele Marcos traz o interior de quase toda sua casa, começando pela sala de entrada e ao fundo dela quase que despercebido ele traz o banheiro, passando para a cozinha e os eletrodomésticos, fogão, geladeira, pia e mesa de jantar. Por último traz a entrada de sua casa e ele ao lado de sua bicicleta.

Figura 13: Escultura feita de argila, realizada dia 31/08/2018.



Fonte: A autora, 2018.

Iniciamos a partir do dia 31/08/2018 atividades tridimensionais, utilizando métodos diferenciados das outras sessões, antes fazíamos os encontros na sala dos professores, agora passamos a trabalhar em sala de aula na presença dos outros alunos mas realizando-a somente com Marcos. Sua desenvoltura para realizar a atividade foi muito mais espontânea pelo fato de estarmos em seu habitat, em seu lugar, sua sala e entre seus colegas. Como deixei de realizar nossos encontros em algumas semanas, eu ter proposto a atividade foi uma surpresa, fui estranhamente recebida com um abraço de Marcos, fato que nunca tinha ocorrido, estava mais falante e confiante. Forramos a mesa com papel kraft e iniciamos o processo. Ele nunca tinha visto a argila, expliquei de onde ela veio e o que era, de começo manuseou o barro com estranhamento mas logo abraçou a proposta. Começamos com experimentações de só amassá-la para que ele sentisse a textura e a forma do barro e sem demora ele já começou a dar formas a argila. Iniciou repetindo tudo o que eu fazia, comecei então a fazer coisas mais indefinidas para que ele desse definição à criação de sua obra usando a criatividade. Tivemos como resultado rostos e animais. Como na imagem acima, ele fez uma cobra relatando o filme “Anaconda” que ele gosta muito, já a outra peça segundo ele não existe referência.

Marcos Pereira possui um grande talento e merece reconhecimento por ele, sem nunca ter feito aulas e sem nenhum aprimoramento em desenho ele supera qualquer expectativa que possa ser posta sobre ele, reforçando a ideia de deixar em segundo plano o diagnóstico do TEA e buscando transparecer a essência da pessoa em questão, usando sua própria Arte como amparo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa feita neste trabalho, embasada em referências bibliográficas de livros, artigos e minha experiência dentro da Escola de Educação Especial Bem me Quer, gerou uma profunda reflexão sobre a importância do entendimento e acesso à Arte, independente da situação de vida dos indivíduos, de classe social, raça, com sofrimento mental ou não.

O desafio para nós arte-educadores²⁹ se mostra cada vez mais exposto e presente neste caos social, sociedade onde o sistema educacional desvaloriza a importância do ensino e apreciação das Artes, pondo como inferior a importância do envolvimento dos indivíduos com o mundo artístico como próprios agentes participativos, dentro de instituições de ensino públicas ou privadas ou em espaços formais e não-formais. Nossa maior incitação é criar dentro desse sistema educacional que se mostra muito resistente à transformações, um ambiente acolhedor, horizontal, respeitador das diferenças, criativo, valorizando as expressões sensitivas, intuitivas e instintivas de cada indivíduo, prezando principalmente as identidades e as culturas, favorecendo as aptidões e capacidades de cada um e ao mesmo tempo trabalhando suas necessidades.

No campo da psiquiatria e da saúde mental, fica claro o brilhante trabalho da Doutora Nise da Silveira, onde através dele, se abriram as portas para a interlocução entre Arte e o estudo e trabalho das doenças da mente, dando espaço para Arte, para a Educação e várias áreas da saúde, mudando permanentemente a história dos tratamentos mentais, mas principalmente o resgate da humanização perante pessoas que necessitam destes tratamentos.

Por fim transparece o tamanho e o valor da Arte em nossas vidas, ela que se torna propagadora de nossas expressões e sentimentos, negativos e positivos que muitas vezes não conseguimos conduzir.

Sinto-me privilegiada pela oportunidade de poder ter trabalhado ao lado de Marcos Pereira, homem puro e de um coração muito bom, que mesmo com a dificuldade de ceder essa abertura para “o outro” fez a questão de abraçar e participar do meu trabalho, contribuindo para que eu pudesse experimentar uma mínima parte da metodologia utilizada por Nise da Silveira; Esta forma humanizada e sensível de trabalhar com um outro indivíduo, respeitando seus medos e partilhando suas alegrias, elo incrível erguido através da Arte.

Enfim, a Arte é a fuga e o encontro!

9 REFERÊNCIAS

APAE, Matinhos: Projeto Político Pedagógico. Matinhos: mimeo, 2018.

CARVALHO, Sonia Maria Marchi de, e AMPARO, Pedro Henrique Mendes. **Nise da Silveira: a mãe da humana-idade**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., IX, 1, pp.126-137. Março

CASTRO, Eliane Dias de, e Lima, Elisabeth Maria Freire de Araújo. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. Rev. Interface-Comunic, Saúde, Educ, Vol.11, nº22, pp.365-376. Maio/Agosto de 2007.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo. Ed Global. 1997.

ELLIS, Kathryn. **Autismo**. Rio de Janeiro. Ed. Revinter, 1996.

MARQUES, Ivonise Aglae. **Nise da Silveira: O pioneirismo na terapia com Arte Educação no Brasil**. Universidade Federal do Paraná. 2017.

MELO, Walter. **Nise da Silveira e campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações**. Rev. Mnemosine Vol.5, nº2, pp.30-52. 2009.

REIS, Alice Casa Nova dos. **Arteterapia: a Arte como instrumento no trabalho do psicólogo**. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Vol. 34 nº1. 2014.

- ROCHA, Dina Lúcia Chaves. **Brincando com a criatividade: contribuições teóricas e práticas na ARTETERAPIA e na EDUCAÇÃO.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.
- SANTOS, Vania Oliveira. Arteterapia na Educação. Universidade Candido Mendes. 2003.
- SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. **A arte na terapêutica Ocupacional de Nise da Silveira.** Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- VIEIRA, Camila de Carvalho. **Contribuições da Arte e do Professor Arteterapeuta para Educação Inclusiva.** Rev. Educação, Artes e Inclusão. Vol. 13 nº 2. Maio/Agosto 2017.